# Isaac Akcelrud (1914-1994)

15/03/2019



Isaac Akcelrud é um desses militantes que com sua história e exemplo moldaram a construção da Democracia Socialista como corrente marxista revolucionária. Militante comunista desde os anos 1930, aprendeu o oficio de jornalista servindo de escritor para as famílias dos ferroviários em Santa Maria. Rompeu com o stalinismo no final da década de 1950 e fez uma longa caminhada até o marxismo revolucionário e ingressou ao PT. Neste episódio lembramos  sua trajetória militante e contribuição ao jornal Em Tempo.

Joaquim Soriano e Fernanda Estima foram responsáveis pela devida homenagem. Ele foi responsável por aproximá-lo da DS e ela era redatora júnior do Em Tempo quando o Isaac era o sênior. Os dois acompanharam de perto a esse militante incansável que foi também um jornalista dedicado à verdade e primoroso com as lutas democráticas e socialistas.

**Para o Isaac – Joaquim Soriano**

Eu morava no Rio de Janeiro quando da organização da DS e do PT, no início dos anos 80.  Nesta época havia um jornalista que era correspondente da Folha de São Paulo para o Oriente Médio. Seu nome Isaac Akcelrud. Eu lia seus artigos.

Meu dentista era de esquerda. Seu nome Amaro. Num dia de 1981 me disse que um tio dele estava de volta ao Rio e queria conversar comigo para colaborar com o jornal Em Tempo. Foi “saído” de Israel porque o governo declarou que era “persona non grata”. Era um judeu que defendia a paz com os palestinos.

Marcamos e uma tarde me dirijo a uma simpática rua no bairro do Flamengo. Um enorme apartamento antigo com uma grande biblioteca, uma sala de música. E um Isaac e uma Dona Clara.

Conversamos muito. Na despedida perguntei como se escrevia o seu nome e ele respondeu:

– Como se pronuncia.

E muitas vezes estes encontros se repetiram. Uma larga e erudita visão de mundo. Muita experiência e história dele, da esquerda brasileira e da luta internacional dos trabalhadores e dos povos oprimidos.

Começou a colaborar com o Em Tempo. Fazia matérias especiais, sobre a indústria aeronáutica no Brasil e no mundo. Sobre o patenteamento da vida – um dos primeiros artigos desde um ponto de vista de esquerda sobre transgênicos.

Um dia Isaac pediu para entrar para a DS. Éramos um grupo de militantes mais jovens e portanto menos experientes do que Isaac. Havia resistência à aceitação dele como quadro orgânico da organização. Especialmente de uma pessoa. Falei para o Isaac que então faríamos uma reunião formal com ele com a presença desta pessoa.

E marcamos o dia e a hora. Cumprimentos formais e logo Isaac toma a iniciativa e diz que antes de começar o debate ele gostaria de contar um pouco de sua vida. E falou.

Esta história posteriormente foi registrada numa longa entrevista que eu e Ricardo Azevedo, na época diretor da Teoria e Debate,  fizemos para a revista (ver aqui).

Isaac se integrou plenamente na DS, na colaboração cada vez mais efetiva na edição do jornal. Muitas vezes acompanhei Michael Lowy e também Daniel Bensaid até a casa do Isaac para memoráveis conversas, debates. Muitas delas transformaram-se em matérias para Inprecor, à época revista da IV Internacional. De assuntos que variavam da luta do MST no Brasil à questão Palestina e aos conflitos no Oriente Médio e chegando na revolução centro-americana – Nicarágua e El Salvador – e voltando à construção do PT e à luta dos metalúrgicos de Volta Redonda contra a privatização da CSN.

Para a sua militância de rua, panfletando e colando cartazes nos postes noites adentro – pelas Diretas Já e outras lutas – Isaac contava com uma equipe de militantes que envolvia dentre outros, um dos seus netos, um músico de gafieira, estudantes universitários, latinoamericanos que deixaram seus países e aqui estavam para ajudar a construir o PT.

Isaac Akcelrud, judeu de olho azul, pulava a cerca do latifúndio com os sem terra, fazia greve com os metalúrgicos, lia muito em vários idiomas, falava outros tantos, escrevia como ninguém e foi o primeiro que nos disse:

– A revolução brasileira ou será negra ou não será.

**Isaac, aquele bom velhinho, presente! – Fernanda Estima**

O dia 16 de setembro de 1994 foi um momento triste para a militância da DS. Isaac Akcelrud nos abandonou meses antes de uma das eleições mais concorridas da história do Brasil.

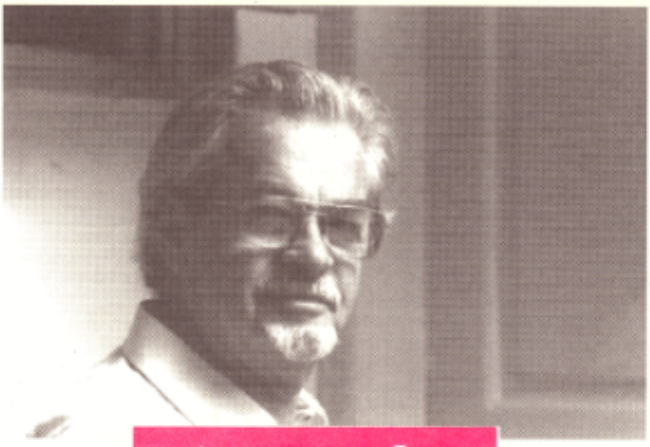
“Jornalista, historiador, revolucionário e bem humorado militante”, quando colaborava com o jornal *Em Tempo* Isaac chegava sempre cedo. Atravessava a via Dutra durante toda noite vindo do Rio de Janeiro e logo na madrugada já estava a esperar quem fosse abrir a porta para ele. Lá estava, sempre usando alguma camiseta de campanha ou de algum movimento, para dentro da calça de tergal que ele fazia questão de usar acima da linha do umbigo. “Isso aqui é uma maravilha, minha filha”, comentava mostrando o tênis tipo iate. Bolsa tiracolo cruzada no peito e disposição juvenil.

Um tiozão cheio de histórias e experiências que vinha do Rio especialmente para fechar o jornal. Se a gráfica ajudasse já voltava carregando os exemplares para distribuir em terras fluminenses. Conviver e aprender com ele foi a maior experiência que a esquerda me proporcionou.

Questionador, crítico e cheio de argumentos, se autodefinia como gaúcho, carioca, judeu, palestino, negro, proletário, sem terra e feminista.

Para relembrar um pouco do que foi esse grande militante, trazemos o *facsímil* do texto publicado no jornal Em Tempo número 277-278, de novembro-dezembro de 1994.

# Só jogador de futebol pendura as chuteiras



Arquivo Em Tempo

FERNANDA ESTIMA

O jornalista, historiador, revolucionário e bem humorado militante Isaac Akcelrud nos abandonou às vésperas da mais importante de todas as eleições do Brasil. Aos 80 anos, no dia 16 de setembro, um ataque cardíaco fulminante nos deixou sem o velhinho, que, mesmo diabético, sempre tinha de onde tirar energia para produzir. Gaúcho, carioca, judeu, palestino, negro, proletário, feminista, companheiro dos metalúrgicos de Volta Redonda e dos Sem Terra, Isaac se metia em todos os movimentos a favor de seus "irmãozinhos" discriminados.

"Não sou jornalista, mas um escriba do proletariado.", dizia sempre. Começou o 'jornalismo' em um bairro ferroviário de Santa Maria (RS), escrevendo e lendo cartas para vizinhos que não sabiam escrever.

Sua militância iniciou-se em 1936 no Rio Grande do Sul, no Partido Comunista. Pouco depois de sua filiação, durante uma reunião ampliada da direção, por falta de segurança, a maioria da direção foi presa e Isaac, recém ingressado na juventude do PC assume a secretaria regional de Agitação e Propaganda. "Eu sabia escrever, não sabia o que fazer." A partir de então esteve sempre na imprensa partidária.

Militante disciplinado, apesar do horror que sentia pelo parlamento, em 1945 foi candidato a Constituinte Estadual. Para sua sorte, não se elegeu.

Nos anos 50 vem para São Paulo e passa a trabalhar no jornal *Hoje*. "Por incrível que pareça eu fiz carreira no PC como jornalista. Trabalhar nos jornais revolucionários exige além de uma certa capacidade profissional, uma ilimitada devoção ao jornal, à causa." Por conta das dificuldades financeiras na imprensa partidária, Isaac era sustentado por Dona Clara, sua companheira, que faleceu em 1991. "Ela me suportava, me aguentava e gostava de mim, mas também me detestava conforme meus méritos e desméritos. Ela não era militante, mas mantinha prestígio junto à direção, porque mantinha um jornalista para o partido."

Com o Relatório Kruchev começam seus problemas com o partido. Isaac já era crítico ao fato da imprensa partidária ser legalizada e o partido não. Ou seja, os jornalistas ficavam expostos, enquanto os "burocratas" eram garantidos pela ilegalidade. Decidido a discutir, pela esquerda é claro, os desdobramentos do 20º Congresso do PCUS, Isaac passa a defender a resolução assinada por intelectuais onde era exigida uma análise do Relatório, do secretariado e do Comitê Central. Segundo ele, foi aí que tornou-se trotskista. A perseguição interna acaba fazendo com que abandone o PC.

## Da *Folha* ao Sem Terra

Questionador profundo da "imprensa burguesa", vai trabalhar no *Correio da Manhã* e *Diários Associados*. Na década de 70, na *Folha de S.Paulo*, foi correspondente no Oriente Médio. Em 1982, quando retorna ao Brasil, filia-se ao PT. Irritava-se ao falar da imprensa do PT, ou melhor, de sua ausência. Imaginava um jornal que atingisse o trabalhador, que fosse útil à construção de novas consciências.

Em 1989, na sua avaliação da campanha, dizia que a maior derrota não era termos perdido para Collor e sim sairmos da campanha sem um jornal. "O que fica impresso, circula, se guarda e bota no bolso e manda para o compadre que passa para o vizinho e vai de mão em mão dentro da fábrica, é o pasquinzinho". E continuou a bater na mesma tecla, meses antes do 3 de outubro, em sua última matéria no *Em Tempo*: "Um grande êxito desta campanha eleitoral seria que nos deixasse, pelo menos, a semente de um diário de massas".

No final de agosto o Comitê Lula foi visitado por Isaac. Sem saberem, os que se encontraram com ele acabaram tendo a oportunidade de se despedir.

A campanha se foi, não elegemos Lula. Ao contrário do que propunha Isaac, o PT não se esforçou para consolidar o *Brasil Agora* e alguns ainda continuam deixando a grande imprensa ditar a pauta. Nada mudou...




Fernando Estima

*Morreu Isaac Akcelrud, sensível, irreverente, revolucionário até o fim, mas vive um dos seus sonhos: construir uma imprensa popular e influente.*

Isaac passou por vários órgãos de imprensa, da partidária à 'burguesa'. Nos últimos tempos se dedicou com exclusividade ao *Jornal dos Sem Terra* e ao *Em Tempo*. Considerado pelo Movimento Sem Terra como "um dos seus mais velhos e dignos militantes", Isaac, no seu primeiro contato com o *Jornal dos Sem Terra*, se comoveu com os boletins do MST. "E eu estava decidido a entrar na DS, no PT, voltar a militar. Estava procurando um lugar para me meter. Eu tinha que me meter em algum lugar através de um jornal." Nunca mais abandonou o *Jornal dos Sem Terra*.

No *Em Tempo*, além de sua colaboração jornalística e política, fazia questão de defender, sempre e em todas as ocasiões, fosse na padaria para o cafezinho da tarde, fosse nas reuniões nacionais, a manutenção do jornal. Era com tristeza que ouvia os informes das penúrias financeiras. Mas não esmorecia. O *Em Tempo* tinha que sair, independentemente da crise.

A imprensa de esquerda, já capenga, perdeu um de seus mais árduos defensores.

## Oito ou oitenta?

Para o aniversário de um ano da chacina da Candelária, não haveria ninguém melhor para escrever do que Isaac. Foi seu primeiro e último artigo para o boletim *Linha Direta* do PT/SP, que chegou atrasado: "Estou mandando a matéria com involuntário atraso. Agora me atrasei por causa do registro dos meus primeiros 80 anos. Aí trabalho mais devagar. Até pendurar as chuteiras". Seus textos tinham marca registrada: indignação, paixão, graça e ira, em uma combinação que resultava sempre em análises recheadas de sentimentos sem ser *sentimentalóide*. Com a mais absoluta clareza e honestidade, com sentimentos profundos, sem meio termo.

Para homenagear Isaac, o *Linha Direta* teve dificuldades em encontrar quem pudesse escrever. Por motivos óbvios, todos os credenciados a fazer uma bela homenagem ao velhinho não tinham condições de produzir algo que não fosse piegas. O modo *isaquiano* de escrever, com emoção sem breguice, poucos conseguiram assimilar. Escrever sobre a vida de alguém tão cheio de histórias, de ânimo, otimismo e principalmente, no jornal que ele tanto amava e defendia com unhas e dentes não é tarefa das mais fáceis. Mas falar do Isaac passado algum tempo de sua morte é mais fácil. Menos doloroso, quem sabe...

Isaac faz falta aos amigos, à imprensa partidária, ao PT, à DS...

Em agosto, durante reunião nacional da DS, já demonstrava preocupação com os rumos da campanha. Como consolo, resta o fato dele não ter presenciado o desastre. Não ficará indignado com as declarações pouco sábias de alguns dirigentes, com algumas alianças no segundo turno... Se bem que, a esta altura, estaria debochando dos erros, dos inimigos, fazendo suas críticas ácidas sem se deixar sucumbir.

Não teremos mais os textos do Isaac. Nem suas intervenções sérias e ao mesmo tempo divertidas: mistura de seu característico bom humor com a malandragem adquirida depois de tantos anos vivendo na *Cidade Maravilhosa*. Além da saudade, sobra a tristeza de vê-lo partir sem que seus sonhos socialistas, pelos quais tanto lutou, fossem realizados. E a mim, a oportunidade de escrever sobre meu galanteador de primeira hora sem que que ele possa esculhambar o texto.❑

*Fernanda Estima é editora do* Linha Direta.

Edição do Jornal Em Tempo sobre Isaac, em 1994.

*Agradecemos a colaboração do Centro Sergio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo, na pessoa de Jaime Cabral.*

Compartilhe nas redes: